



**Modalidade do trabalho:** Relatório técnico-científico  
**Evento:** 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

## REPRESENTAÇÕES DE JOVENS SOBRE VIOLÊNCIA: MEMÓRIAS E CAMINHOS DE SUPERAÇÃO<sup>1</sup>

Armgard Lutz<sup>2</sup>. Carmem M. Craidy<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Tema parcial da tese de doutorado defendida em março de 2010.

<sup>2</sup> Autora da tese de doutorado: "Jovens em Ongs e a representação social de violência: descontinuidade na violência, afirmação do sujeito de direitos".

<sup>3</sup> Orientadora - UFRGS. gard@unijui.edu.br

### Resumo

O objetivo da pesquisa foi compreender os significados das representações de jovens sobre a cultura da violência a partir da participação em atividades desenvolvidas por ONGs que pretendem suspender da vida dos jovens a violência praticada e ou sofrida. A metodologia empregou grupos de conversação com jovens de duas ONGs e entrevistas individuais com jovens e educadores sociais. O estudo sobre jovens buscou na Sociologia da Juventude elementos para o debate tendo por base autores como Margulis, Pais, Charlot, entre outros. O tema da violência encontrou em Chauí, Marcondes, Bauman, Foucault, elementos esclarecedores. Os resultados demonstraram que a violência estrutural da sociedade brasileira, as mudanças sociais que atingiram as infâncias dos grupos de pessoas vulneráveis, a cultura da violência naturalizada, atingem os jovens de forma a aprofundar a exclusão social e cultural. Concluiu-se que as ONGs favorecem a construção da cidadania esclarecida dos jovens, promovem a inclusão através da identidade revista e de projetos de vida.

Palavras-chave: jovens; cultura da violência; representações.

### Introdução

A militância da pesquisadora pela transformação da realidade mediante projetos sociais desde 1995, a inserção numa ONG em defesa dos direitos das crianças e adolescentes, gerou o interesse pela temática da violência na vida dos jovens. O vínculo com os jovens foi traçado pela inserção da pesquisadora em atividades das ONGs e a organização dos grupos focais foi facilitada. Nos grupos de conversação sobre as representações de violência foram ricas mas, houve a necessidade da complementariedade com entrevistas individuais, uma vez que o tema gerou desconfortos aos envolvidos.

A Sociologia da Juventude tem avançado e reconhece que há múltiplas concepções de juventude, múltiplas culturas juvenis. O conceito de juventude possui uma dimensão simbólica por isso, o tratamento considera as determinações materiais, históricas e políticas inerentes a toda e qualquer produção social. Está claro que os jovens formam um grupo etário suscetível a várias questões que os fragilizam e marcam suas histórias de vida. A comprovação dessa condição se manifestou durante o registro dos dados empíricos. Os jovens





**Modalidade do trabalho:** Relatório técnico-científico

**Evento:** 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

estão sempre na borda e com mais facilidade, os jovens economicamente menos favorecidos, são jogados fora da borda, acumulando maior número de situações de violência. Acreditavam que individualmente eram culpados e que reerguer-se era movimento individual. A inserção nas ONGs ofereceu outra dimensão das possibilidades de afirmação social, cultural, econômica. O conhecimento dos direitos humanos, das políticas públicas à disposição, das janelas de oportunidades, culminou no traçar rumos para a vida, no retomar e reescrever suas histórias de vida e de suas famílias que os afastaram das práticas de violências ou da submissão aos determinismos. Compreendem que a história individual recebe influências do coletivo social e transformá-lo, possibilita transformar as vidas individuais como senhores de seus destinos. A palavra esclarecida é ferramenta que permite a entrada pela porta da frente nos espaços a serem conquistados para a construção dos sonhos.

### Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida a partir da participação nas ONGs a fim de identificar as características, cultura, movimentos à conquista de suas metas; pela organização de grupos de conversação (focais) com os jovens e entrevistas individuais, lançando mão de filmagens e gravações. Os dois grupos de conversação, um em cada ONG, desenvolveram os relatos de experiências com violências.

Os jovens participantes dos grupos de conversação estiveram assim distribuídos: Grupo na ONG A, com 8 jovens, de 11 a 15 anos; Grupo na ONG B, integrado por 5 jovens de 14 a 29 anos e Grupo de Controle com 5 jovens, não participantes de projetos sociais, todos da classe popular, com idades entre 13 a 15 anos. Somente no Grupo da ONG B havia uma representante feminina e um jovem sem vínculo pessoal com violência, mas com histórico na família. As entrevistas individuais com os educadores sociais aprofundaram o entendimento sobre as relações entre os jovens e a prática educativa. As entrevistas permitiram aprofundar dados que nos chamaram atenção durante o grupo de conversação. Diante da resistência de alguns, lançamos mão da conversação via Internet (MSN). Esse recurso foi extremamente favorável especialmente com os jovens com histórias contundentes de sofrimento por violências.

### Resultados e discussão

Consideramos fundamental desdobrar aspectos constituintes da cultura da violência a fim de evitar a linha interpretativa conservadora de que o enredamento dos jovens nas diferentes formas de violência depende da vontade individual ou do caráter, quando, na verdade, há algo de violência determinado historicamente e reforçado até os dias de hoje realimentando a cultura da violência. Por complemento, não podemos ignorar a forte relação entre desigualdades sociais e violência.

A cultura da violência, ao lado de tantas outras, tais como a urbana, a erudita, a de massas, a do trabalho, a de resistência, a política, a dos jovens, etc., ganha existência à medida que a cultura, como habitus (BOURDIEU, 1974), incorpora as práticas de violência. Essa cultura se realiza de diversas formas e as predominantes no caso brasileiro são: violência





**Modalidade do trabalho:** Relatório técnico-científico

**Evento:** 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

como regra de conduta, como código, no anonimato urbano; violência como vetor estruturante da organização social (ROCHA, 1998, apud MARCONDES FILHO, 2001; COLETIVO NTC, 1996, p. 213), violência como meio de imposição incontornável na esfera da técnica (COLETIVO NTC, 1996, p. 245); violência como exclusão inconsciente nos sistemas sociais de comunicação (COLETIVO NTC, 1996, p. 222 e 228); violência tecnocrática e “suicidária” contra as futuras gerações (JONAS, 1998 apud MARCONDES FILHO, 2001, p. 20) (por exemplo, política de plantação sem restrições ao uso de veneno).

Aprofundando a compreensão da violência estrutural, Girard (1988 apud MARCONDES FILHO, 2001, p. 21) apresenta a violência fundadora sob a qual está assentada a sociedade e que suplanta as demais violências ou as violências latentes. No Brasil, a violência fundadora está na cultura herdada, “com raízes na sociedade escravocrata, no tipo de colonizador que aqui se instalou e na transposição de práticas persecutórias e perversas da metrópole” segundo características de nação de periferia do capitalismo. Ela se caracteriza pelas seguintes variáveis da violência do novo século: “o agir indiferente; o agir vândalo e o agir cínico” (MARCONDES FILHO, 2001). Nossa violência fundadora é “marcada por uma cultura da tolerância dos excessos, cujo arbítrio se protege mutuamente, em que todos os agentes lucram e os reticentes são perseguidos, complementada por várias atitudes e decisões advindas de uma podridão de raiz, tida como doença cultural”. A violência reativa é uma “forma espontânea, desarticulada e aleatória de violência, utilizada muitas vezes como contraposição à violência estrutural da totalidade como sistema” (MARCONDES FILHO, 2001, p. 23).

O conceito de violência, difícil de ser delimitado, está sob a influência da complexidade do fenômeno e da constante mutação de acordo com os diferentes momentos históricos da humanidade. Ao tratar o conceito de forma estrita evita-se deixar de lado as microviolências do cotidiano. O conjunto de ações que o conceito estrito abarca consta no código civil e está composto por: suicídios, espancamentos, roubos, assaltos, homicídios, a violência no trânsito e as várias formas de violência sexual. Trata-se da “violência dura”, diferente da violência simbólica. Esta última diz respeito ao abuso do poder mediante o uso de símbolos de autoridade, como a violência verbal e a institucional. As manifestações da violência simbólica passam pela marginalização, discriminação e práticas de assujeitamento. A violência é abordada por Chauí (1999, p. 24) como tudo que utilize a força para ir contra a natureza do indivíduo, ou seja, contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém e todo ato de transgressão contra o que a sociedade elegeu ser justo e direito.

Os jovens da realidade brasileira, vistos como indivíduos em situação de risco, vivem estados de violência, tanto no âmbito privado (nas relações familiares) quanto no social (de pobreza, abandono e miséria), e seus vínculos tornam-se fragilizados. De acordo com a Sociologia, o abandono é uma das formas de exclusão social. Aponta Baratta (1993) que a violência é a repressão das necessidades reais (satisfação do básico e do desenvolvimento das potencialidades) e dos direitos humanos.

Outra forma de definir a violência é relacionar as formas com as quais esta é praticada – violência direta, indireta, física e moral; e aos sujeitos contra quem se pratica: minorias



**Modalidade do trabalho:** Relatório técnico-científico

**Evento:** 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

étnicas, membros de movimentos políticos e sindicais, grupos marginais, operários, trabalhadores rurais, mulheres, crianças e homossexuais, etc. Birmann (2006) examina a história das mudanças socioculturais da sociedade e mostra os fatores que jogam os jovens no abandono, na solidão, condições essas que contribuem ao ingresso na violência. O saber sobre a sexualidade influenciou na constituição de outra ordem familiar; a medicalização passou a regular o corpo e foram rompidos os limites etários estabelecidos para as fases da vida, relativizando o biologismo (Margulis, 2004; Charlot, 2000). A tecnologia, como a televisão, contribuiu para colocar as crianças precocemente diante de temas e situações do mundo adulto, como a sexualidade, a violência e as drogas. As novas exigências do mercado de trabalho, jogando as crianças na preocupação precoce com o futuro, gera rivalidade, com isso, há o esvaziamento das relações de trocas entre crianças e jovens e a experiência da alteridade enfraquece de maneira que a solidão passa a ganhar espaço na infância e na juventude. Com a revolução feminista, inaugurando uma nova economia dos cuidados, os filhos preenchem o tempo com atividades complementares à escola, que, no entanto, não tem a mesma economia afetiva que a presença dos pais. O maior efeito é um sentimento de abandono, considerando que a relativa ausência materna não foi substituída pela maior presença paterna. A fragilidade do investimento afetivo traz desdobramentos nefastos como a submissão ao que a sociedade oferece como meios para os jovens suprirem a carência de cuidados e solidão de suas existências. Os vários fatores conjugados: a fragilização, a infantilização, o contexto social em que há falta de horizonte para o futuro, facilitam que as culturas das drogas e da violência se imponham como marcas da juventude hoje. As drogas funcionam como antídotos para o sofrimento dos jovens enquanto o exercício da violência e da agressividade em geral são as contrapartidas para a impotência juvenil nos tempos sombrios da atualidade. Os jovens de classes populares, porém, se comparados a outros extratos da sociedade, constituem um dos grupos mais atingidos pelos fenômenos da vulnerabilidade e da violência.

A pobreza é associada à violência estrutural, como consequência da desigualdade, e sempre representou um problema para as sociedades. O aspecto das diferenças socioeconômicas gerou, historicamente, relações entre violência e pobreza, vadiagem e marginalidade, a partir de um processo acusatório e repressivo por parte dos grupos hegemônicos. A discriminação tem origem numa relação tácita e simplista entre causa e efeito, impedindo a compreensão real do que acontece. Nessa direção, a violência passa a ser vista como decorrência quase exclusiva desse grupo social. Afirma Zaluar (1994, 1997), “que é fácil atribuir o rótulo de violência àqueles que, por sua própria condição, não são considerados cidadãos em nossa sociedade”. O que se defende, portanto, é evitar o equívoco de acreditar “que a miséria provoca violência, já que a relação entre as duas não é biunívoca” (VOLPI, 1997, p. 54).

Os depoimentos dos jovens trouxeram representações sobre violência, num cenário da realidade marcado por eventos de violências extremas e por violências absolutamente naturalizadas. Os jovens reportaram a infância e experiências atuais marcadas por diferentes tipos de violências sofridas, no que incluem abandono, solidão, preconceitos raciais, ameaças verbais e com armas, humilhações, violências físicas gratuitas, violências como consequência



**Modalidade do trabalho:** Relatório técnico-científico

**Evento:** 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

de vícios, do desemprego, de sentimentos negativos e uso do poder opressor tanto por parte de familiares quanto de autoridades, como diretores, professores, policiais e em diferentes lugares, como na rua, na escola, em instituições públicas.

Um dos jovens que mais violências enfrentou, concluiu sua fala sugerindo de forma veemente que perguntássemos sobre seus sonhos, porque sonho “é vida, é esperança” e não sobre o passado de violências que já não constrói mais nada, conforme o excerto abaixo:

- Nós queremos o incentivo [...] pra poder participar da sociedade [...], a gente não quer mais ser cajuvante (coadjuvante) e contador de história triste, mas a gente quer falar de sonhos, mudá o clima [...] não só falá de violência, depois que tu passou e tal, fica aquele clima de tensão, mas falá de sonho, de coisa, cara fica muito gostoso conversá, existe risada, existe esperança, né? [...]. (jovem P).

A descoberta de sua potencialidade como compositor de Rap o integrou ao contexto em que há a disputas e valorização pelas letras agressivas, que agregam a realidade da violência, no entanto, aberto à ação cidadã, rebate com letras de reivindicação pelo respeito, pelos direitos. Outros jovens estão se afirmando, como defende Baratta, pelo desenvolvimento das potencialidades: o jovem que liderava uma gang, hoje coordena o grupo de dança de rua, é vídeo-maker e voltou a estudar; a jovem parceira de um traficante, descobriu-se cantora, gravou um CD e cuida do seu bebê; o jovem drogado, livre da dependência, hoje coordena as oficinas de arte musiva e de vidraria; o jovem que não quer seguir o exemplo do irmão, conserta os computadores da ONG e é monitor das oficinas de computação; o jovem ex-presidiário, coordena a oficina de sabão ecológico.

### Conclusões

As representações dos jovens sobre violências foram analisadas segundo os tipos de problemáticas mencionadas: a discriminação, o machismo, o furto, o abandono, o abuso de poder, o risco, a invisibilidade e o medo. Os relatos e comentários agregaram elementos fundamentais para interpretar e explicar a relação entre a alteração das representações, a suspensão da violência e a apropriação pelos jovens da condição de sujeitos de direitos.

O trabalho de uma das ONGs é pautado por proposta pedagógica, metas definidas e sem hierarquias. A coordenação acontece pelo diretor de forma integradora, dialógica, promove o protagonismo dos jovens pelos seus potenciais em desenvolvimento tornando-os peças importantes da instituição. O trabalho da outra ONG está pautado pelo ativismo e disciplinamento. A construção ou re-construção de concepções não encontram um espaço que possa dizer dos resultados nas atitudes e entendimentos sobre a vida. Essa perspectiva não favorece aos jovens romper com ou compreender os fatores que os determinam e a sua vida.

### Agradecimentos

Agradeço às Ongs CEDEDICAI (Ijuí/RS) e Cidadão Atitude (Bento Gonçalves/ RS) pela abertura para conhecer suas propostas e dinâmicas; aos jovens que se integraram aos grupos focais, abrindo-se ao debate sobre o tema da violência que tanto os afetou e à orientadora da UFRGS, Dra. Carmem Maria Craidy.





**Modalidade do trabalho:** Relatório técnico-científico  
**Evento:** 2011 JP - XVI Jornada de Pesquisa

#### Referências

- BARATTA, Alessandro. Direitos humanos: entre a violência estrutural e a violência penal. Trad. de Ana Lucia Sabadell. Fascículo de Ciências Penais. Porto Alegre, v. 6, n. 2, abr/mai/jun, 1993. p. 44-61.
- BIRMAN, Joel. Tatuando o desamparo. In: CARDOSO, Marta Rezende (Org.). Adolescentes. São Paulo: Escuta, 2006.
- BOURDEIU, Pierre. A economia da trocas simbólicas. Introdução, organização e seleção de Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- CHAUÍ, Maria Helena. Uma ideologia perversa. Folha de São Paulo. Caderno Mais, 14 de março de 1999.
- COLETIVO NTC. Pensar-Pulsar. Cultura comunicacional, tecnologias, velocidade. São Paulo: NTC, 1996.
- MARCONDES FILHO, Ciro. Violência fundadora e violência reativa na cultura brasileira. Perspectiva. São Paulo, v. 15, n. 2, apr/june 2001.
- MARGULIS, Mário. Juventud o juventudes? Perspectiva. Florianópolis, v. 22, n. 2, julho/dez. 2004.
- PAIS, José Machado. Culturas juvenis. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.
- ROCHA, RML. Estética da violência. Por uma arqueologia dos vestígios. Tese de doutorado. São Paulo, ECA/USP, 1998.
- VOLPI, Mario (Org.). O adolescente e o ato infracional. São Paulo: Cortez, 1997.
- ZALUAR, Alba. Cidadãos não vão ao paraíso. São Paulo: Escuta/Ed. da Unicamp, 1994.
- \_\_\_\_\_. Da revolta ao crime. São Paulo: Moderna, 1997.